

Revista de Literatura,
História e Memória

Figurações da Nacionalidade
no Texto Literário

ISSN 1809-5313

VOL. 2 - Nº 2 - 2006

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 15-24

REGIONALISMO NORDESTINO E PROCESSO MIMÉTICO: REPRESENTAÇÃO DA TERRA E DO HOMEM

ALVES, Lourdes Kaminski¹

No quadro da evolução da ficção brasileira o regionalismo, apesar de retroceder algumas vezes para um plano menos privilegiado por influência da crítica, reergueu-se com novas sugestões e novas forças à frente da literatura, permanecendo vivo até hoje. Este regionalismo literário é compreendido, pelos escritores e pelos críticos, de formas diversas, recorrendo desde a observação puramente geográfica até a complexa compreensão ecológica, sociológica, psicológica e lingüística.

É possível perceber uma linha divisória das tendências da ficção brasileira a partir da polaridade campo x cidade, que caracteriza, na prosa de ficção regionalista, dois distintos espaços que se prestam à ambientação dos conflitos dramáticos característicos de cada romance e, claro, dois distintos pólos a partir dos quais a crítica social e a reivindicação de transformações sociais, políticas etc. é realizada: o campo, depositário de tradições tanto na mentalidade como na língua dos habitantes, e a cidade, centro do progresso material e do sucessivo abandono das tradições, sujeito a transformações. Este é o motivo pelo qual se diferencia do espaço rural o qual defende aspectos singulares de sua identidade como fator vital, separando-se assim, a ficção rural, por um lado, e a ficção urbana, por outro.

A prosa de ficção rural brasileira, que volta a sua atenção para várias regiões com características próprias, costuma ser chamada regionalista, ou a produção literária que consiste em apresentar o espírito humano, nos seus variados aspectos, em correlação com o seu ambiente imediato, retratando o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição (COUTINHO 1986, p.235).

A arte regionalista *Stricto Sensu* seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional.

O processo de formação do regionalismo brasileiro está associado a já conhecida tendência nativista encaminhada para a conquista do auto-conhecimento, rumo ao posterior nacionalismo; embora este nacionalismo tenha assumido facetas diferentes no decorrer da história literária brasileira, chegando por fim a um nacionalismo de tendências críticas. No romance romântico, percebe-se por parte dos autores o objetivo de fixação de tipos humanos e de atmosferas urbanas e rurais específicas, daí resultando as “regiões” tornadas literárias e a narrativa organizada em função do ambiente representado. Ocorre, nesse momento, uma pretensão regionalista, uma vez que incide sobre os autores românticos uma preocupação maior com a busca de uma identidade nacional do que com o aspecto regional, inexistindo, portanto - como em Alencar e nos românticos em geral -, o sentido particularista que caracteriza o regionalismo. No período de 1870, época de crise da ideologia romântica, surge pela primeira vez o particularismo regional, com a crítica de Franklin Távora. Antes disso, conforme Almeida (1981), a obra *O Sertanejo* (1875), de José de Alencar pode ser considerada como a mais acabada realização do período romântico. Esta é conhecida como regionalismo mítico, em oposição ao regionalismo de caráter realista ou documental, que terá destaque na literatura brasileira a partir de 1880 até a geração de 45.

No conhecido prefácio de *O Cabeleira* (1876) Franklin Távora expressou a convicção de que o Norte tinha melhores condições para a formação de uma literatura “propriamente brasileira”, embora infeliz na proposta ao referir-se à natureza; ora adotando uma atitude panteísta de extração romântica, ora expressando uma crença no progresso material e técnico com agente modificador do meio natural. A partir de então, tem-se o romance regionalista do período de transição e a indefinição estética dos anos de 1870, caso de *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay, obra na qual aparece uma certa preocupação de fidelidade ao dado observável, no que diz respeito à paisagem e ao ambiente social em que se desenrola a ação, cujo narrador por meio de processos cênicos, com abundante utilização de discurso direto, torna possível ao romancista extrair do regionalismo da linguagem uma grande expressividade.

No Realismo-Naturalismo alguns romances a exemplo de *Dona Guidinha do Poço* (1891) de Manuel de Oliveira Paiva, *A Fome* (1890) de Rodolfo Teófilo, *Aves de Arribação* (1913) de Antônio Sales, *Luzia-Homem* (1903) de Domingos Olímpio entre outros, cuja ação se desenvolve no meio ambiente provinciano, trazem à discussão o problema do regional, constituindo a estética realista. Estes romances representam tentativas de incorporar a realidade local por processos narrativos, através de tratamento revolucionário do tecido lingüístico, em nível lexical, atingindo graus de ruptura para com a língua padrão; o narrador extrai da linguagem o máximo de possibilidades artísticas, antecipando as conquistas expressivas da ficção nordestina de 1930.

Como lembra Coutinho (1986), foi a partir do Realismo que se tomou conhecimento de que a cultura regional pode oferecer à literatura um assunto ou uma técnica. O período entre a década final do século XIX e o início do Modernismo está marcado, na ficção brasileira por um grande número de obras e autores regionalistas. Exemplo significativo do romance regionalista-naturalista é *Luzia-Homem* (1903) de Domingos Olympio. Na concepção de Almeida (1981), trata-se de obra falha e inconsistente no plano estilístico, que em vez de realizar-se como verdadeiro romance naturalista, acabou por se transformar em romance romântico, salvando-se pela força expressiva da personagem central e por constituir mais um elo importante na formação de uma consciência regionalista na ficção nordestina.

Para Lúcia Miguel-Pereira o autor de *D. Guidinha do Poço* (1952), Manuel de Almeida Paiva, alcançou extraordinário equilíbrio entre a reconstituição do ambiente e o relevo dos tipos, merecendo estar ao lado de *Inocência* e *Luzia-Homem*, “vencendo talvez pela densidade psicológica a primeira e pela fluidez da linguagem a segunda” (MIGUEL-PEREIRA, 1975, p.199). A partir de 1920, encontram-se manifestações regionalistas como o *Livro do Nordeste* (1924) e o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo (1926), tendo à frente Gilberto Freyre preconizando a criação do Centro Regionalista. Esta movimentação influenciou a criação literária dos anos subsequentes, desenvolvendo uma notável consciência regionalista entre os nordestinos. As manifestações regionalistas de 1920, lembram um pouco a manifestação de Franklin Távora, só que agora disfarçando mais o ressentimento demonstrado pelo crítico e sua proposta ideológica.

Em 1930, ocorre uma verdadeira explosão de criação ficcional na literatura brasileira. Os escritores desse período estavam preocupados com o questionamento direto da realidade, marcados por uma visão sociológica do meio; esta tendência à literatura social, combinada com a descentralização cultural, deu lugar ao aparecimento de formas artísticas regionalistas, com destaque no Nordeste. Por isso é freqüente a expressão “romance regionalista de 30”, aplicada de forma genérica ao conjunto da produção nordestina da época. Surge, então, um equívoco quanto ao conceito de regionalismo, lembrando que “para ser classificado como romance regional é necessário que não apenas o tema, mas seu tratamento literário e a própria linguagem apresentem especificidade suficiente” (Almeida, 1981: 48).

Nesta perspectiva, o romance de Rachel de Queiroz *O Quinze* (1930) pode ser considerado efetivamente regionalista na medida em que o meio local e a realidade social e humana fixados no romance refletem uma vivência profunda da região. Em José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos encontram-se algumas das realizações mais bem sucedidas da ficção regionalista brasileira.

O romance do nordeste transforma o regionalismo substituindo a visão paternalista por uma visão crítica, defendendo as classes desprivilegiadas sócio cultural e economicamente, contribuindo para alargar o conjunto literário por meio de um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações, a exemplo de “Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, o primeiro Jorge Amado, nomes destacados desse movimento renovador” (CÂNDIDO, 1917, p. 204).

No chamado romance nordestino prevalece a exploração de um tema que se repete em mais ou menos 60 anos de literatura, enfocado por perspectivas diferenciadas, de acordo com a estética em que se situa desde José do Patrocínio com *Os Retirantes* (1879), passando por Rodolfo Teófilo com *A Fome* (1890) a Graciliano Ramos com *Vidas Secas* (1938), introduzindo o social na teia romanesca. Narrativas em que o tema da seca é motivo constante, às vezes assumindo matizes ideológicos ao longo dessa trajetória, porém sempre cumprindo à proposta regionalista brasileira, que nasceu em grande parte sob o signo desse dramático embate entre a terra e o homem.

De que forma a crítica e a história literária brasileira recebem ou avaliam o romance nordestino? Parece claro que as intempéries sociais e ecológicas e o declínio do Nordeste na década de 1970, como a seca de 1977, até a conjuntura econômica, que atraía para novos focos de riqueza, tais como o café em São Paulo e a borracha na Amazônia, constituem-se fatores relevantes; contributivos para alguns romances regionais, como *Luzia Homem* (1930), *A Fome* (1890), *Aves de Arribação* (1913), seguidos por *A Bagaceira* (1928) e *O Quinze* (1930). Essas obras abrem o longo e afortunado roteiro da ficção regionalista, no entanto, a percepção das relações concretas entre o meio e o homem só serão descritas pela linguagem incisiva de Graciliano Ramos, inaugurando o regionalismo crítico.

Bosi (1993), ao se referir ao romance brasileiro de 1930 e 1940 diz que os abalos sofridos pela vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma retomada do Naturalismo; aspecto bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia. Porém, “ao realismo ‘científico’ e ‘impessoal’ do século XIX os romancistas de 1930 preferiram uma visão crítica das relações sociais, conferindo à obra de alguns escritores a grandeza de testemunho e de julgamento” (BOSI, 1993, p. 438).

O Nordeste, de onde vieram os clássicos do neo-realismo, tem concorrido com uma copiosa literatura ficcional, que vai do simples registro de costumes locais à aberta opção de crítica e engajamento que as condições da área exigem. Sobre o caráter documental do regionalismo brasileiro já referido por Bosi, encontra-se uma análise

semelhante em Adonias Filho, que reconhece no romance brasileiro do século XIX até os nossos dias, sua importância documentária: “é o universo brasileiro que se mostra em quadro e imagem, problema e drama, linguagem e paisagem, ficcionalmente se renovando no poder de uma temática que oferece, com os mitos e os símbolos, o caráter nacional e a personalidade do povo” (ADONIAS FILHO, 1969, p. II).

Cabe ao romancista ser o intérprete de um complexo cultural definido, conferindo validade literária ao documento. Esse documentário, responsável pela incorporação de elementos não ficcionais na ficção, impõe a sondagem no revolvimento da matéria ficcional, que vincula o problema ao acontecimento, entrosando o complexo social nordestino ao complexo cultural brasileiro, não havendo em consequência, constante mais válida no processo dos dois círculos: o da ficção brasileira e o da ficção nordestina, conforme assinala Adonias Filho (1969).

Na acepção de Saldanha (1981), o regionalismo, tanto na poesia quanto no romance, constituiu desde cedo, uma forma de focar problemas sociais, e ao mesmo tempo um modo de revelar o Brasil aos brasileiros.

Nesta perspectiva, o ensaio sociológico de Josué de Castro (1961); estudo sobre a origem e o desenvolvimento da situação do Nordeste, faz referências com relação às obras literárias que abordam temas sobre a seca. O trabalho de Josué de Castro analisa o problema da fome coletiva atingindo endêmica ou epidemicamente as grandes massas humanas, a partir de fatores de natureza cultural e fatores da categoria do latifundismo agrário-feudal que tanto deformou o desenvolvimento da sociedade brasileira, como a deficiência alimentar imposta pela monocultura.

Assim, temas como a fome, a seca, o latifúndio, a monocultura, a imigração, a luta pela sobrevivência na selva amazônica, são apontados e estudados cientificamente, aparecendo sob o enfoque da ficção no romance nordestino, suscitando interesse pelo Nordeste, durante as secas, e a Amazônia, durante as inundações constituirão “desgraçadamente modelos incontestáveis no catálogo das grandes tragédias coletivas” (CASTRO, 1961, p. 69).

É possível encontrar alguma explicação e fazer algumas referências aos tipos humanos fixados pelo romance nordestino no ensaio de Josué de Castro. Basta lembrar o soldado amarelo de *Vidas Secas*, a rivalidade entre os sertanejos e os brejeiros em *A Bagaceira*. Segundo este ensaísta, o sertanejo sempre se sentiu superior ao brejeiro, tachando-o de preguiçoso, pela supostamente pequena capacidade de trabalho que ele demonstra. O que acontece na realidade é que a insuficiência calórica e a pobreza energética dos habitantes das áreas do brejo reduzem a sua capacidade de trabalho, além de proporcionar um crescimento lento e precário, uma vez que os habitantes dessas áreas aluviais dos mangues ou das lagoas

nordestinas vivem numa estrita dependência da fauna da lama, identificados com o ciclo do caranguejo, do marisco ou do sururu, conforme explica Castro (1961).

Em *A Bagaceira* (1928), encontramos tabus e certos preconceitos em relação a hábitos alimentares peculiares aos sertanejos ou brejeiros, o que Josué de Castro explica serem interdições criadas e enraizadas na alma do povo, sem fundamento biológico; tabus que se constituíram como uma espécie de policiamento moral, que os proprietários mantinham para defesa dos seus bens. A anemia que faz dos brejeiros tipos pálidos, chamados pejorativamente de “amarelos” pelos habitantes de outras zonas, é explicada pela pobreza de hemoglobinas e baixos índices de ferro.

Outra característica de tipos humanos fixados na literatura regionalista do Nordeste é a figura assustadora do jagunço como estereótipo do mal. O autor de *Geografia da Fome* aborda sobre desvitaminoses que afetam os habitantes dessas áreas carentes de uma alimentação adequada, provocando doenças como a congestão da córnea. Os olhos ficam injetados e vermelhos, dando um ar de maldade à expressão fisionômica, traço comum entre os “cabras” das bagaceiras dos engenhos e das usinas; é sintoma da falta de vitamina B2, “identificado por estudos de Sebrell e Butler como a lenda do mau gênio destes camaradas” (CASTRO, 1961, p.200). A sua valentia traduz muitas vezes, paradoxalmente, a sua fraqueza nervosa e o estado de miséria.

A ficção regionalista chega a um notável aprofundamento nas relações entre obra regional e o meio que lhe molda o espírito e a suporta historicamente. O caráter mimético do regionalismo tem importância fundamental, conduzindo o autor à procura de pontos que facultem ao leitor o reconhecimento de certa região, tomada figurativamente como ponto de partida, criando a ilusão de realidade ao seu modo particular de enxergá-la.

Conforme *Cândido* (1975), há uma atitude crítica que diz haver uma ambigüidade marcante desde o início do nosso regionalismo, na oscilação entre fantasia e a fidelidade ao real, acabando estranhamente por tornar artificial o gênero vinculado à realidade geral e também mais própria do país.

A exemplo, pode-se citar o conto sertanejo, produção literária após Távora e Taunay. O conto sertanejo trata do homem rural sob ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias feitas perigosas, tanto do ponto de vista social quanto, estético. Ainda que se reconheça que, o regionalismo iniciado com o Romantismo teve produção pouco relevante de obras estéticas de grande valor, é preciso concebê-lo como uma etapa necessária, no encontro da literatura com a realidade local.

Do simples localismo ao largo regionalismo literário, há vários modos de interpretar e conceber o regionalismo. Coutinho diz haver “quem o veja aliado à mediocri-

dade e à estreiteza, confundindo-o com o provincianismo de mau sentido ou com o cosmopolitismo" (COUTINHO, 1986, p. 234), ou seja, um regionalismo confinante, auto-suficiente, que provoca a rivalidade entre as regiões e tem um conteúdo de limitação e oposição. O crítico situa a prosa nordestina como refletora de um acentuado sabor sociológico, portadora de alguns dos mais vivos aspectos da nossa formação cultural.

Ressaltando a dimensão de modernidade em Euclides da Cunha, o senso crítico-social de Lima Barreto e a abertura intelectual de Graça Aranha, Bosi os colocará, entre "os 'pré-modernistas', por lograrem representar, através da respectiva obra, além da observação de alguns aspectos da problemática sócio-econômico-cultural do seu tempo, a visão ora mais ora menos crítica, mas já problematizante da realidade observada" (BOSI, 1993, p. 232).

No entanto, Bosi não situa entre os pré-modernistas, embora lhes reconheça o valor histórico e o significado estético, escritores regionalistas como Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos, Alcides Maia, Simão Lopes e Valdomiro Silveira, pois neles ainda estaria difusa a atitude crítica atingida posteriormente, muito embora, tivessem partido para procedimentos literários que se poderiam dizer novos. Entre as atitudes renovadoras valorizadas pelo crítico está o empenho, que ele chama de "neo-romântico" ou "pré-modernista". Bosi lembra que a ficção viria a funcionar como ponto de partida para importantes iniciativas posteriores, como a de Guimarães Rosa.

Observa-se na literatura de fins de século XIX e começos do século XX o predomínio de um modo de narrar mais descritivista do que psicológico-social, de forma que a prosa de ficção nordestina estava em perfeita consonância com a então incipiente formação literária. Apesar de os escritores regionalistas estarem geograficamente situados, estavam culturalmente distantes da alma e da vida de sua gente, o que pode ter contribuído para que grande parte da produção literária desse tempo viesse a se transformar em regionalismo de folhetim. Somente após o Modernismo, o regionalismo passa a representar um papel de maior relevo nas letras nacionais, tanto na prosa como na poesia.

A maioria dos críticos reconhece uma característica comum entre os regionalistas nordestinos, a preocupação com os problemas sociais, o que Fábio Lucas (1973) define como determinismo sociológico. Segundo ele, iniciaria nesse momento, uma tendência que, tempos depois, encontraria ressonância em todo o país. Talvez, o romance do Nordeste constitua o documento mais enfático da disparidade social do País, pois a situação geográfica e histórica da região, de uma pobreza heróica e dependente, facilmente pode gerar mais vivamente o sentimento de protesto. Desta forma, percebe-se que as instituições humanas fundamentam o romance social nordestino de situação rural, espaço em que estão fundidas a atua-

ção simultânea das forças telúricas e o poder das instituições humanas para o esmagamento do homem, tornando mais pronunciado o desnível entre as classes.

José Carlos Garbuglio (1979) atenta para a dificuldade em se falar da existência de uma literatura regionalista no Brasil. Para ele, o que existe são obras com elementos regionais ineptos para caracterizar um conjunto com relativa uniformidade, capaz de supor um movimento com programa, ação, harmonia e força suficientemente conhecidos e definido por uma certa linhagem. Existiria um regionalismo falho esteticamente, e um outro regionalismo suporte de uma capacidade imaginativa e criadora capaz de ultrapassar os esquemas documentais que o antecederam, tomando como exemplo Guimarães Rosa.

Garbuglio aborda sobre atitudes regionalistas, dentro das quais as obras literárias se enquadrariam: (a) conservadora - obras em que a defesa do regionalismo surge como forma de preservação das estruturas existentes, literatura aliada na luta de defesa "das tradições"; (b) denunciante - obras que primam pela elevação da qualidade estética, desvelando a imagem de beleza e fartura preservada numa fase anterior, instaurando a denúncia da miséria, o atraso e anacronismo de certo espaço geográfico, literatura ideologicamente engajada num processo de transformação; (c) acomodada - obras cuja preocupação é o pitoresco e o exótico, refletindo uma imagem distanciada da realidade humana e social; (d) globalizante - obras com capacidade para apreenderem o espaço que lhes serve de base, conservando sua pureza e sua poesia (GARBUGLIO, 1979: 45).

Na evolução da ficção regionalista podem-se constatar tendências opositivas no tocante ao modo de conceber este tipo de literatura bem como diferenças de critérios de observação desta produção literária pelos críticos, escritores e historiadores da literatura brasileira. Em oposição à crítica positiva de Bosi está a crítica restritiva de Candido (1965), quando assinala as diferenças entre o regionalismo "verdadeiro e fecundo" dos românticos Alencar, Távora, Taunay, e a "literatura sertaneja" pós-romântica de Arinos, Lopes Neto, Valdomiro Silveira, Coelho Neto e Lobato, concluindo pela alienação desta. No entanto, Cândido (1965) reconhece no regionalismo romântico, consciência e lucidez bastantes para chegar "a qualidade do homem e da paisagem", inspirador do posterior regionalismo de Domingos José Olímpio. Convém lembrar que esses juízos de Cândido afastam a idéia - várias vezes emitida por ele próprio - da necessidade da etapa regionalista, muito embora discrimine particularmente alguns dos seus produtos "sertanejos", mesmo reconhecendo em alguns deles a habilidade no manejo da matéria regional.

Por outro lado, percebe-se na crítica mais recente uma preocupação diferente, no sentido de conceber o regionalismo numa visão sociológica e espacial em que permeiam critérios diversos, desde o puro geografismo até o seu conteúdo ideológico.

Um estudo comparativo linear poderia evidenciar o percurso estético-estrutural do regionalismo. Mais que o simples levantamento de tendências, como ocorre em Cândido, Almeida, Bosi e Garbuglio, torna-se interessante a descrição desse *corpus* regionalista a partir da segmentação temática. A observação do *modus operandi* da diegese de romances da seca, por exemplo, constitui estudo interessante no sentido de esclarecer elementos objetivos que permitam conhecer a trajetória de formação da ficção regionalista.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- ALMEIDA, José Maurício de. *A tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ALENCAR, José. *O Sertanejo*. São Paulo: Ática, 1995.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2 vols. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965.
- _____. *Ficção e Confissão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- COUTINHO, Afrânio. O Regionalismo na Ficção. In: *A literatura no Brasil*. 6 vols Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Vol. 4. 234-308.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ediouro, 1996.
- DANTAS, Francisco J. C. *Coivara da Memória*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *Os Desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Cartilha do Silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FILHO, Adonias. *O Romance Brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.
- FREIRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista de 1926*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

GARBUGLIO, José Carlos. "Folêgo de gato (o regionalismo e suas versões)". *Act Semiotica et Linguistica*. (Internacional Review of Semiotics and Linguistics) (1979): 41-46.

LUCAS, Fábio. *A Face visível*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. *O Caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1987.

MAINARDI, Diogo. *Polígono das Secas*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de Ficção (De 18770-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Ática, 1972.

PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Ática, 1995.

PATROCÍNIO, José do. *Os Retirantes*. 2 vols. São Paulo: Editora Três, 1973.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1995.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: José Olympio, 1978.

SALDANHA, Nelson. *A tradição humanística*. Recife: UFPE Editora Universitária, 1981.

SALES, Antônio. *Aves de Arribação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SUASSUNA, Ariano. *A Pedra do Reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ática, 1995.

TÁVORA, Franklin. Prefácio. In: *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1971:II.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

NOTAS

¹ Professora do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP.